



ISSN: 2595-1661

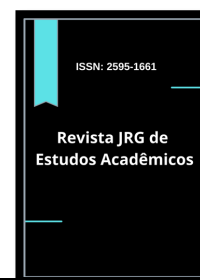
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br/)

## Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



### A febre do autodiagnóstico nas redes sociais: entre informação, identidade e patologização

The boom of self-diagnosis on social media: between information, identity and pathologization

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3165

ARK: 57118/JRG.v9i20.3165

Recebido: 10/04/2026 | Aceito: 14/04/2026 | Publicado on-line: 15/04/2026

**Guilherme Leones Martins Santana Ramos**

<https://orcid.org/0009-0000-8578-4489>

Faculdade Brasília (FBR)

E-mail: guilhermeleones11@gmail.com

**Alexandre Aby Hacan Nunes**

<https://orcid.org/0009-0004-1789-9945>

<http://lattes.cnpq.br/7924030786134033>

Faculdade Brasília (FBR)

E-mail: Abyhacan@gmail.com



#### Resumo

A ascensão da cultura digital, aliada à presença constante das redes sociais, alterou significativamente a maneira como conteúdos sobre saúde mental são consumidos. Nesse contexto, o autodiagnóstico emerge como um fenômeno relevante, caracterizado pela adoção de rótulos de transtornos psicológicos sem o suporte de avaliação clínica criteriosa. Este estudo tem como objetivo analisar criticamente esse movimento, buscando compreender seus impactos na construção da subjetividade e na percepção do sofrimento psíquico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter teórico, baseada em revisão bibliográfica. Os resultados apontam para uma realidade ambivalente: ao mesmo tempo em que há ampliação do acesso à informação, observa-se uma simplificação preocupante de conceitos, capaz de transformar vivências comuns em quadros patologizados. Fundamentado em Foucault, Bauman, Han, Rose e no DSM-5, o estudo discute como discursos contemporâneos contribuem para novas formas de identificação e rotulação. Conclui-se destacando a importância do letramento em saúde mental e da valorização da escuta clínica.

**Palavras-chave:** autodiagnóstico; redes sociais; saúde mental; subjetividade; psicologia.

#### Abstract

*The rise of digital culture, combined with the constant presence of social media, has significantly changed how mental health content is consumed. In this context, self-diagnosis emerges as a relevant phenomenon, characterized by the adoption of psychological disorder labels without proper clinical evaluation. This study aims to critically analyze this*



*movement, seeking to understand its impact on subjectivity construction and the perception of psychological suffering. This is a qualitative theoretical study based on a bibliographic review. The findings indicate an ambivalent reality: while access to information is expanded, there is also a concerning simplification of concepts, which may transform common experiences into pathological conditions. Based on Foucault, Bauman, Han, Rose, and the DSM-5, the study discusses how contemporary discourses contribute to new forms of identification and labeling. It concludes by emphasizing the importance of mental health literacy and the value of clinical listening.*

**Keywords:** *self-diagnosis; social media; mental health; subjectivity; psychology.*

## 1. INTRODUÇÃO

As redes sociais consolidaram-se como espaços centrais de circulação de saberes sobre saúde mental, ampliando o acesso a conteúdos anteriormente restritos ao meio acadêmico e clínico. Contudo, a lógica dessas plataformas, marcada por conteúdos breves, listas de sintomas e linguagem simplificada, tende a favorecer compreensões superficiais dos fenômenos psíquicos.

Nesse cenário, o autodiagnóstico ganha força. Observa-se um número crescente de indivíduos que se identificam com descrições amplas de transtornos e passam a incorporá-las à própria identidade. Se, por um lado, esse movimento pode favorecer o reconhecimento do sofrimento e reduzir estigmas, por outro levanta preocupações quanto à banalização diagnóstica e à patologização da vida cotidiana.

Foucault (1977) aponta que os discursos produzem verdades e influenciam a forma como os sujeitos se percebem. As redes sociais, nesse sentido, operam como dispositivos produtores de sentidos. Bauman (2001) contribui ao discutir a fragilidade das identidades na modernidade líquida, enquanto Han (2017) e Rose (2019) evidenciam um sujeito atravessado por processos constantes de autoavaliação.

Diante disso, questiona-se: em que medida o acesso ampliado à informação contribui para o cuidado em saúde mental ou reforça a simplificação da experiência humana?

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A subjetividade deve ser compreendida a partir de dimensões históricas e discursivas. Foucault (1977) demonstra que o saber produz efeitos concretos sobre os modos de existência. Assim, conteúdos sobre saúde mental nas redes sociais não apenas informam, mas também constroem identidades.

Na contemporaneidade, observa-se o avanço da medicalização da vida, em que experiências comuns passam a ser interpretadas sob a lógica diagnóstica. Bauman (2001) descreve um contexto de instabilidade, no qual os sujeitos buscam referências fixas para dar sentido às próprias vivências.

O autodiagnóstico pode ser entendido como tentativa de organizar a experiência subjetiva por meio de categorias socialmente disponíveis. Han (2017) aponta um sujeito inserido em uma lógica de desempenho e autoexploração, enquanto Rose (2019) evidencia a internalização dos discursos biomédicos no cotidiano.

Desse modo, evidencia-se uma articulação entre tecnologia e subjetividade, na qual plataformas digitais assumem papel central na produção de significados sobre o sofrimento psíquico.



### 3. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza teórica, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Conforme Marconi e Lakatos (2003), essa abordagem permite reunir e analisar contribuições teóricas consolidadas.

Foram selecionadas obras das áreas de filosofia, sociologia e psicologia, promovendo um diálogo interdisciplinar. A análise foi conduzida de forma interpretativa, buscando identificar convergências e tensões entre os referenciais.

A escolha metodológica justifica-se pela complexidade do objeto de estudo, que envolve processos subjetivos não redutíveis a dados quantitativos.

### 4. DISCUSSÃO

O autodiagnóstico apresenta caráter ambivalente. Ao mesmo tempo em que amplia a visibilidade da saúde mental, pode favorecer reducionismos que empobrecem a compreensão da experiência humana.

A lógica algorítmica privilegia conteúdos rápidos e simplificados, nos quais rótulos diagnósticos ganham destaque em detrimento da escuta qualificada. Como consequência, há o risco de o indivíduo reduzir sua identidade a um diagnóstico, limitando suas possibilidades de transformação.

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão do autodiagnóstico reflete transformações sociais associadas ao avanço das tecnologias digitais. Embora a democratização da informação represente um avanço, ela não substitui a escuta clínica nem o reconhecimento da singularidade.

Destaca-se a necessidade de investir em letramento em saúde mental, promovendo formas de cuidado que respeitem a complexidade da experiência humana e evitem sua redução a classificações simplificadas.

### REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, M. O nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- HAN, B.-C. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- ROSE, N. A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2019